

Política

EDUARDO SABOIA DIPLOMATA

“Respeito leis, não caprichos”

O diplomata que orquestrou a fuga de um senador da Bolívia para o Brasil disse não se arrepender de ter peitado o governo

Aline Dias

Oito meses após orquestrar a fuga do senador boliviano Roger Pinto Molina para o Brasil, o diplomata Eduardo Saboia tenta levar uma vida normal enquanto aguarda o resultado de uma sindicância sobre a viagem que envolveu o senador capixaba Ricardo Ferraço (PMDB) e mexeu com os brios de Brasil e Bolívia.

Na semana em que foi comemorado o Dia do Diplomata, ele atendeu a reportagem de **A Tribuna** e disse não se arrepender do que fez. “Respeito instruções, respeito leis, mas não respeito caprichos nem ordens manifestadamente ilegais”.

A TRIBUNA — No momento o senhor está trabalhando?

EDUARDO SABOIA — Eu tirei uma licença prêmio e estou esperando o resultado da sindicância.

> Sobre a fuga do senador Molina, levou quanto tempo para planejar?

Foi uma coisa tomada numa situação limite, numa sexta-feira, dia 23 de agosto. Eu que coordenei. Não foi uma coisa muito complicada. Eu avisei que ia levar o senador para um local seguro porque ele estava no limite da capacidade psicológica para aguentar aquele confinamento. Ele não estava em uma casa, estava em um escritório, num cubículo dentro de um prédio no centro de La Paz e com direito apenas à visita do advogado e da filha. Sem direito a banho de Sol.

> Foi o que o levou a ajudá-lo?

Ele já estava falando em se matar, estava abalado psicologicamente e com um quadro de saúde que estava em franca deterioração. O Brasil reconhece o direito ao asilo, então eu tomei essa decisão. Foi uma decisão difícil de tomar porque acompanhei o senador. Foram 22 horas de estrada.

> Você se arrepende?

Não.

> Você sabia dos riscos?

Esse risco não existe porque no



“A política não tem nada a ver com a minha ação. Minha ação foi humanitária”

QUEM É

Eduardo Saboia

> 45 anos

> É casado com a cônsul brasileira na cidade boliviana Santa Cruz de La Sierra.

> TEM três filhos, de 20, 17 e 15 anos.

> ESTÁ afastado do cargo que ocupava na Embaixada do Brasil em La Paz, capital da Bolívia.

SABOIA disse que o governo brasileiro foi abusivo ao divulgar seu nome na imprensa estando a família dele ainda na Bolívia

Brasil tem lei, tem Justiça. Tem Judiciário. A gente quando age dentro da lei, dentro da ética, por mais que as pessoas esperneiem, o Judiciário comparece. E é isso. Eu estou tranquilo. Sei que fiz a coisa certa e não vou transigir. Eles estão há oito meses tentando chegar a um resultado.

> O senhor se sente perseguido pelo governo brasileiro?

Perseguição não é a palavra. Eu acho que há uma sindicância em curso, é natural que haja uma sindicância, o que eu acho estranho é que dure oito meses. A previsão era de 30 dias. É evidente que existe uma pressão política.

> Confia no Judiciário?

Confio no Judiciário e estou pronto para o que der e vier. Enfim, eu não me arrependo nem um pouco do que eu fiz. Foi lamentável que se tivesse que chegar a esse ponto. E é lamentável que quem resolve o assunto tivesse que estar sujeito a esse tipo de assédio a que eu estou sendo sujeito.

> Que tipo de assédio?

Eu encaro isso com tranquilidade, mas há uma sindicância que não está, pelo visto, apurando os fatos que levaram uma pessoa a ficar confinada 15 meses, está voltada para me punir. Eu estou há oito meses sem funções.

> Qual tem sido sua rotina?

Até abril eu trabalhava, lotado

“Confio no Judiciário e estou pronto para o que der e vier. Enfim, eu não me arrependo nem um pouco do que fiz”

numa divisão, agora eu estou aproveitando para ler, para escrever, registrar essa minha experiência. Eu estou recolhendo elementos para um dia poder contar essa história com riqueza de detalhes. Estou também me concentrando na

defesa dos meus direitos.

> Teme punição?

Não. Fiz o que tinha de ser feito. Se me punirem, eu vou recorrer.

> Valeu a pena?

Claro que valeu. Eu não quis estar nessa situação e não desejaria estar de novo. Mas eu defendi uma vida. Era um adulto que estava em uma situação de confinamento. Não fizemos nenhuma operação pirotécnica. Pegamos o carro na embaixada e fomos até a fronteira.

> Ficaram amigos?

Ficamos. Ele está em Brasília.

> Dilma disse que sua atitude foi quebra de hierarquia...

A hierarquia é muito importante, mas há coisas que se sobrepõem. Eu era a autoridade brasileira mais alta na Bolívia. Eu respeito instruções, eu respeito leis, mas eu não respeito caprichos nem ordens manifestadamente ilegais.

> Como conheceu o senador Ricardo Ferraço?

O senador foi à Bolívia no caso dos corinthianos presos. Ele consi-

derou como abusiva a prisão de 12 brasileiros inocentes. Também nessa ocasião ele resolveu visitar o senador Roger e ficou chocado.

> Qual a participação dele?

Quando eu cheguei a Corumbá, decidi informar ao senador. Ele não sabia, assim como ninguém mais sabia, dessa operação. Ele que conseguiu um avião, foi a Corumbá. Eu nem estive com ele, fiquei quieto no meu quarto.

No domingo fui surpreendido com uma nota à imprensa que mencionava meu nome. O governo brasileiro, de forma abusiva, revelou meu nome quando meus filhos e minha mulher ainda estavam na Bolívia.

> Agora, nas eleições, vai apoiar algum candidato?

A política não tem nada a ver com a minha ação. Minha ação foi humanitária.

> Conhece o Espírito Santo?

Gostaria de conhecer. Imagino que seja um lugar ótimo. Gosto de praia.

Fuga vai virar documentário

A fuga do senador boliviano Roger Pinto Molina para o Brasil vai virar um documentário. O filme inicialmente contaria a história do senador, mas a situação de Molina na embaixada brasileira em La Paz (Bolívia) e a jornada da viagem, que durou 22 horas, fizeram o cineasta Dado Galvão mudar de ideia. “Missão Bolívia” terá 110 minutos de entrevistas e relatos.

Quem protagoniza a história é o diplomata Eduardo Saboia. O diretor conta que a ação do diplomata mudou tudo.

“A gente começa o filme com uma frase dele ‘Eu não tenho vocação de carcereiro’. Foi por conta do impacto da ação do Saboia, quando Dilma se irrita com a declaração”, conta o diretor.

Ainda sem previsão para estreia, Galvão diz que a Copa do Mundo atrasou os planos, e que apenas depois do Mundial é que será possível levar a história para a tela grande.

O documentário trará entrevistas com o senador Roger Pinto Molina, o diplomata Eduardo Saboia, outros embaixadores brasi-

leiros na Bolívia e o advogado do senador boliviano.

A entrevista com Molina foi feita assim que ele chegou em Brasília. Também no Distrito Federal, o documentarista entrevistou o senador Ricardo Ferraço (PMDB).

De acordo com o diretor, Ricardo facilitou o acesso às pessoas envolvidas no caso.

Atualmente, o filme está sendo legendado em português e espanhol e será exibido com legendas nos dois idiomas. Haverá, ainda, legendas em inglês.



DADO GALVÃO E MOLINA: cineasta conta em filme viagem do senador

ACERVO PESSOAL